

DOI: 10.2436/20.8070.01.26

**Análise da expressividade cultural do São João de Cachoeira-BA com a
contribuição da geotecnologia: a percepção dos moradores locais**

Randerson dos Santos Almeida

Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano
Universidade Salvador, UNIFACS, Brasil

Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente, GPTURIS, Brasil
E-mail: randerson_sa@yahoo.com.br

Renato Barbosa Reis

Doutor em Biotecnologia, Saúde e Medicina Investigativa -Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano
Universidade Salvador, UNIFACS, Brasil

Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente, GPTURIS, Brasil
E-mail: georeis@gmail.com

Resumo

A cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo Baiano, exerceu grande influência na história do Brasil, não só em questões políticas e econômicas, mas também com relação a cultura. Tanto que foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN pelo seu conjunto arquitetônico e paisagístico, sendo considerada Monumento Nacional. Dentre as diversas manifestações e eventos culturais da cidade, destaca-se a Festa de São João da Feira do Porto de Cachoeira, o primeiro São João planejado da Bahia. O marco dessa festa foi o investimento e o apoio da Empresa de Turismo da Bahia - Bahiatursa (empresa governamental de promoção do turismo), em 1972. Após a saída da Bahiatursa da organização do evento e da entrada do poder municipal no final da década de 1980, a festa sofreu mudanças na sua essência, apresentando nos últimos anos sinais de perda da autenticidade. Por isso, o presente artigo traz reflexões acerca da percepção dos moradores locais diante das transformações ocorridas na festa e em sua expressividade cultural. Para a consignação de tais objetivos utilizou-se o estudo de caso e diferentes técnicas de pesquisas, tendo a análise espacial por meio da geotecnologia como principal vetor de investigação. Os resultados indicaram a necessidade de revisão das diretrizes do município, em especial do projeto de organização do São João, desde sua programação até os produtos vendidos, para continuar representante da cultura de raiz do Recôncavo. Desta forma, este artigo contribui para avançar nos estudos ligados a tradição e cultura da Bahia, buscando entender e melhorar as suas contribuições para o desenvolvimento de todos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Cachoeira-Ba. São João. Expressividade cultural. Percepção dos moradores. Análise espacial.

1 Introdução

Cidade de grande importância cultural localizada no Recôncavo Baiano e palco de eventos relevantes da história brasileira, Cachoeira (Figura 01) é considerada um dos principais destinos da Bahia. Distante cerca de 110 km da capital, situa-se na margem esquerda do rio Paraguaçu. Seu potencial cultural perpassa por diversas manifestações e eventos que garantem um movimento frequente na cidade, o que caracteriza a expressividade da cultura local

Figura 01 - Vista aérea de Cachoeira.



Fonte: JORNAL GRANDE BAHIA, 2014 (foto Carlos Augusto).

A cultura local é o valor simbólico presente nas relações sociais existentes nos espaços delimitados onde se estabelecem formas específicas de representação, com códigos comuns (FEATHERSTONE, 1993). Todo o conteúdo formado a partir de tais relações é simbólico, na sociedade essas relações se organizam em papéis e seus significados. Por isso, há uma relação estreita entre identidade e cultura.

Na realidade a cultura “pode existir sem a consciência de identidade” (CUCHE, 1999, p.176). Para isso, basta compreender, que a identidade cultural existe após um processo consciente de vinculação cultural, enquanto que a cultura também pode ser definida como tudo aquilo que é produzido pelo homem (ALMEIDA, GUTIERREZ, 2004).

Por esses motivos, afirma-se que não há estabilidade no processo de expressão da identidade, mesmo porque a cultura é construída endogenamente, mas depende de fatores exógenos. Essa relação origina dois aspectos: o moderno e o tradicional. A partir da compreensão de Brunner (1991, p. 107) eles “coexistem como princípios antagônicos das modalidades culturais”.

Nesse prisma, compreende-se que o moderno coabita com o antigo e que para existirem eles não precisam se anular, de modo que possam conviver e serem absorvidos pelos agentes sociais. Não há porque afirmar que a solução para evitar a descaracterização de uma expressão cultural é sucumbir os elementos modernos, deve-se compreendê-lo como matéria-prima da reconstrução identitária.

Por esse motivo, tratar da Festa do São João da Feira do Porto de Cachoeira torna-se relevante, tendo em vista que se trata de uma expressão da cultura local que traz em sua essência valores tradicionais, mas sofreu interferências da modernidade. Por essa coexistência que a percepção dos moradores se configura como um indicador relevante na formação

sociocultural da cidade.

A complexidade da análise reside no fato de Cachoeira destacar-se há algum tempo no cenário cultural estadual, sobretudo após seu tombamento e reconhecimento como Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN por seu conjunto arquitetônico e paisagístico (IPHAN, 1971), quando surgiu o interesse da Empresa de Turismo da Bahia - Bahiatursa, em 1972, em promover seu festejo junino. Cachoeira foi a primeira cidade baiana a ter esta tradicional festa apoiada pelo poder público do estado. (BAHIA, 2009).

A atividade econômica cachoeirana enfrentou um declínio entre as décadas de 1940 e 1960. A região é marcada por desemprego gerado pela Segunda Guerra Mundial, já que o ramo que mais empregava no Recôncavo era o fumageiro e as empresas desse segmento tinham origem alemã, país derrotado no conflito, prejuízos causados pelas diversas cheias do rio Paraguaçu que devastavam a cidade afetando moradores e comerciantes e ainda a evolução do sistema de transporte brasileiro no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), priorizando as vias rodoviárias em detrimento das ferrovias e hidrovias, o que fez com que a cidade perdesse espaço como entroncamento comercial (QUEIROZ; SOUZA, 2009).

Esses fatos evidenciam uma ligação entre o seu tombamento e a necessidade de legitimar e recuperar a economia de um patrimônio histórico-cultural em decadência. Por isso, o investimento no São João de Cachoeira estava ligado a tentativa de incrementar a economia local.

O final da década de 1960 marca o início de uma nova ascensão em Cachoeira, motivado pelo direcionamento do Estado no aprimoramento do turismo na Bahia, sobretudo na região do Recôncavo Baiano. A cidade volta a ter importância para a região, sendo prova disso a “primeira estratégia traçada para promover o desenvolvimento do turismo na Bahia – o Plano de Turismo do Recôncavo - PTR”, lançado em 1968, onde Cachoeira era prioridade (BAHIA, 1971). Tal fato representou uma embrionária política pública para o turismo com a formatação de um novo atrativo e que também influenciou diretamente na gestão do festejo (BAHIA, 2005, p. 40).

Os primeiros anos da promoção da Festa de São João da Feira do Porto de Cachoeira ficaram exclusivamente a cargo da Bahiatursa, permanecendo até o final dos anos 1980. Deste ponto em diante, o poder público local assume a organização e estabelece uma nova estratégia de promoção da festividade, pautada numa necessidade de disputar público com as festas dos municípios do entorno. O resultado foi mudança no perfil da festa que reflete até os dias atuais.

A relevância da investigação faz-se presente também pelos dados apresentados pela Secretaria de Turismo da Bahia - SETUR-BA, em que confirma o São João da Bahia como a maior festa regional do Brasil, superando inclusive o carnaval. Atualmente, são 417 municípios promovendo festas juninas simultaneamente, demonstrando assim sua dimensão geográfica, simbólica e cultural, o que aumenta a necessidade de respeitá-la como festa popular (BAHIA, 2009).

Desta forma, o tema proposto para a investigação é a análise da expressividade cultural do São João de Cachoeira-Ba através do uso da geotecnologia sob a perspectiva dos moradores locais. Em temas ligados a identidade e cultura não é comum a utilização de mecanismos de análise espacial, como a geotecnologia. Com este trabalho pretende-se desvendar possibilidades pouco difundidas, porém de notada relevância na coleta e análise de dados em pesquisas das ciências sociais.

O uso da geotecnologia agrega valor qualitativo à pesquisa, pois não somente representa espacialmente a cidade de Cachoeira, mas também monta um sistema espacial para

coleta de dados, associando a esse ato um novo olhar sobre o espaço. Neste estudo a geotecnologia aplicada permitiu a definição física, análise quantitativa dos componentes urbanos, indicação de densidade das áreas selecionadas e as análises qualitativas, atribuindo pesos às características identificadas dentro de uma escala de valores estabelecida. Sem dúvida, este instrumento possibilitou um retrato mais fiel da complexidade e permitiu a integração de análises quantitativas e qualitativas. O percurso metodológico utilizado para a obtenção dos dados sobre a percepção dos moradores será apresentado na seção 4.

Desse modo, o artigo tem como objetivo avaliar a percepção dos moradores locais frente às transformações ocorridas no São João da Feira do Porto de Cachoeira por meio da análise espacial. Além disso, foi necessário caracterizar os festejos juninos de forma geral e também a especificidade que envolve a Feira do Porto, bem como refletir sobre as possibilidades de contribuição da Festa para a preservação da expressão cultural local e turismo.

Ressalta-se que a análise não se propõe a teorizar ou discutir uma revisão de literatura sobre o tema identidade cultural, mas sim uma abordagem empírica baseada na observação dos moradores locais coletadas através da amostra selecionada. Conhecer o contexto que envolve a festa, seus valores simbólicos, a cultura local e o patrimônio arquitetônico e imaterial representam a riqueza inerente a cidade e que forma a identidade como “a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p. 12).

O artigo se inicia com a introdução, onde se encontra a construção lógica da pesquisa, relevância do estudo e informações gerais. A segunda parte trata de teorias relacionadas ao tema, focando na expressividade cultural. A seção 3 apresenta um breve relato sobre a história dos festejos juninos e a evolução do São João de Cachoeira, focando no início da festa com investimento público na década de 1970, bem como pós década de 1990, com um novo olhar para a Festa com a gestão municipal. A percepção dos moradores locais diante das transformações ocorridas na expressão cultural da Festa é abordada na seção 4, introduzida pelo percurso metodológico da pesquisa de campo. A última seção traz a conclusão, onde se reflete sobre a eficácia da pesquisa, com destaque aos aspectos mais relevantes, sugestões e recomendações.

2 Expressividade cultural: uma abordagem teórica

A cultura, como expressão social, está ligada a realidade de um determinado local e garante à população uma participação mais efetiva no meio onde vive. A cultura ajuda a formar atores sociais engajados, disponíveis e sensíveis socialmente, a fim de melhorar sua relação com o entorno. Ela tem uma capacidade transformadora nos espaços onde é vivida e valorizada. Oferece elementos concretos para a geração de um sentimento de pertença e desperta na população o entendimento da realidade (SILVA, 2014).

Segundo Geertz (1989), deve-se compreender a cultura como um sistema simbólico, possível pelo isolamento histórico de grupos humanos, que através das relações próprias da comunidade expressam-se, até caracterizar-se integradamente sua ideologia, crenças, expressões, formas de ser e estar.

Porém, quando se observa a expressão dessa cultura, aqui destacada numa festa popular como o São João de Cachoeira, percebe-se que há influência dos gastos indiretos, do lucro obtido por meio dos negócios e dos indivíduos que têm relações com estas atividades, como restaurantes e serviços de transporte e os efeitos sobre a arrecadação financeira tornam-se preponderantes nas decisões que circundam a festa (SANTOS, 2011).

O produto final desse tipo de abordagem distancia a cultura do seu papel enquanto

vetor de desenvolvimento, pois

a cultura constitui-se em uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para o fortalecimento da independência, da soberania e da identidade das nações, mas o crescimento tem sido planejado, em muitas ocasiões, em termos quantitativos, sem levar em consideração a necessária dimensão qualitativa, ou seja, a satisfação dos desejos espirituais e culturais do homem. O desenvolvimento autêntico busca o bem-estar e a satisfação constante de todos e cada um (UNESCO, 1982 apud LACAYO PARAJÓN, 2001, p. 2, tradução nossa).

Tais posicionamentos diminuem o seu poder social, pois não expressam o conjunto das tradições, técnicas, instituições que caracterizam um grupo humano (ALMEIDA, GUTIERREZ, 2004). É certo que esses acontecimentos “condicionaram” a sociedade a consumir uma cultura considerada hegemônica, em vista dos critérios supracitados.

Hoje, basicamente, o consumo cultural é estimulado nos médios e grandes centros urbanos (CASTRO, 2012). Com isso, “o papel da cultura no meio urbano foi reconhecido de maneira mais clara à medida que aumentou a preocupação com o crescimento das cidades e com seus problemas econômicos, sociais, ambientais” (SANTOS, 2011, p. 84).

Por outro lado, no Brasil, inúmeros fatos históricos colaboraram para tal quadro. Destaca-se o processo de urbanização das cidades, a mecanização do campo, o crescimento das atividades industriais, o estímulo a sociedade de consumo no capitalismo, a manipulação através do discurso da mídia, a desalinhada oferta de educação, a desvalorização da cultura oriunda de camadas mais pobres da população, a força do capital sobre as manifestações culturais e outros tantos aspectos.

O resultado atual é o fortalecimento de um processo de homogeneização cultural, em que se busca vender a todos a mesma cultura estandardizada. Porém, ainda assim, observam-se povos à procura de sua própria identidade em meio a essa homogeneização. O sonho do capitalismo globalizado é chegar ao que Mattelart (2002) bem definiu como “mercado comum de imagens”. Este seria um amontoado de formas simbólicas entendidas e aceitas por todos os povos da mesma forma, sem a necessidade dispendiosa de adaptação local. A homogeneização cultural não é, senão, a tentativa insistente de se chegar a esse mercado comum (ABDALLAH; AMORIM; GARCIA, 2014). Na contramão do processo, acredita-se que a cultura deve ter uma expressão oriunda da população onde pertence e se tornar sinônimo de identidade, ou melhor, o seu indicador e diferenciador.

Em contrapartida é fundamental não confundir o dinamismo inerente a essas relações com a influência tendenciosa no seu processo de mudança. A colaboração de Kellner (2001, p. 329) para tal diferença, afirma que a propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando os processos culturais da sociedade pois contribuem para

(...) produzir outras mais instáveis, fluídas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização. A segmentação do mercado em diversas campanhas e apelos publicitários reproduz e intensifica a fragmentação, desestabilizando as identidades as quais os novos produtos e as novas identificáveis estão tentando devolver estabilidade.

Portanto, há necessidade de valorizar a naturalidade dos fatos, das mudanças e das relações sociais. Nesse sentido, uma festa popular, tem alta capacidade de atravessar a

barreira do tempo, para buscar num passado remoto ou num futuro próximo signos de sua expressão. Nesses caminhos, algumas festas caem em desuso e depois retornam ao cenário local, sendo esse percurso um processo histórico que deve ser respeitado (FERREIRA, 2006).

Assim sendo, “uma festa não pode ser vista só como um emblema identitário, isso a torna estática (...) e é muito complicado, pois as expressões culturais têm diferentes regimes de autenticidade, não existe uma forma única de ser autêntico” (CAVALCANTI, 2013, p.48).

Ao acompanhar esse raciocínio, vê-se que é uma importante tradução do sentido de tradição cultural, aquela que não é estanque no tempo, não se herda geneticamente. É um processo contínuo de transformações, que precisam ser medidas, avaliadas e compreendidas, pois assim converge para a autenticidade, para ser o reflexo daquilo que é vivido localmente (KUPER, 1999).

Historicamente, cada comunidade territorial foi se estruturando em decorrência das relações e dos vínculos de interesse de seus grupos e atores sociais e da construção de uma identidade e uma cultura própria que as diferenciam das demais comunidades.

A cultura local de um território “X” pode ser vista como um emaranhado de interesses, o que permite defini-la como um agente do desenvolvimento local, sempre ocupado em manter e defender a integridade e os interesses territoriais nos processos de desenvolvimento e mudança estrutural (VÁZQUEZ BARQUERO, 2001).

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Através disso, se expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza (MALDONADO, 2009, p. 29).

Com isso, neste artigo, entende-se que essa expressividade cultural é subsídio desse sentimento de pertencimento que fortalece as manifestações culturais como o São João de Cachoeira.

3 Festa de São João e Feira do Porto de Cachoeira: uma trajetória

Baseado na caracterização apresentada por Rangel (2008) acerca do surgimento da comemoração dos festejos juninos, destaca-se, inicialmente, a apropriação do povo brasileiro pelas festas de cunho católico, sobretudo Natal, Páscoa e São João. As comemorações de São João, festejada no dia 24 de junho, faz parte de um ciclo festivo que passou a ser conhecido como festas juninas e homenageia, além desse, outros santos reverenciados em junho: Santo Antônio (dia 13) e São Pedro e São Paulo (dia 29).

O São João constituiu-se como uma das mais tradicionais festas populares brasileiras, sobretudo no Nordeste. A maioria das cidades dessa região comemoram este evento. As festas juninas têm o poder de reavivar velhas tradições, reforçar laços de origem e recriar a ludicidade, visto que é um momento em que a família se reúne, crianças brincam nas ruas, residências são decoradas e a típica comida é preparada com fartura para receber os amigos e familiares. Consagrou-se, então, um festejo com alto índice de atratividade, com contribuição na geração de renda, incrementando a economia local, com o aumento da visitação nas localidades que promovem a festa, dando um novo fôlego à sua economia no mês de junho.

A origem dessas festividades remonta a um tempo muito antigo, anterior ao surgimento da era cristã. De acordo com o livro “O Ramo de Ouro”, de *sir* James George Frazer (1978, apud RANGEL, 2008), o mês de junho, tempo do solstício de verão (dia mais

longo e a noite mais curta do ano) no Hemisfério Norte, era a época do ano em que diversos povos antigos faziam rituais de evocação de fertilidade para estimular o crescimento da vegetação, promover a fartura nas colheitas e trazer chuvas.

Todo esse processo tem relação com a periodicidade natural do ciclo vegetativo. No Hemisfério Norte, há uma linearidade bem demarcada das estações do ano, enquanto que na região equatorial e nas tropicais do Hemisfério Sul, o movimento cíclico alterna os períodos de chuva e de estiagem, mas ainda assim o ciclo vegetativo não apresenta grandes mudanças.

Dessa forma o imaginário popular baseando-se em crenças espiritualistas, cria os rituais de invocação de fertilidade para ajudar o crescimento das plantas e gerar uma boa colheita. Tais ritos da época clássica perduraram através dos tempos e o cristianismo os incorporou nos festejos em homenagem aos santos comemorados no mês de junho.

As festas “juninas” com fogueiras, queima de fogos, espetáculos pirotécnicos, comidas típicas, casamentos e danças, assemelham-se à festa pagã do passado clássico. Na era cristã, mesmo considerada pagã, a Igreja Católica adaptou os festejos às comemorações do dia de São João, nascido em 24 de junho (MOURA, 2001; RANGEL, 2008).

No Brasil, os primeiros indícios de festa junina, datam da época da colonização, quando os portugueses trouxeram esta festa da Europa. Em Portugal, adaptando-se a cultura local, foi incluída a festa de Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, em 13 de junho. A tradição cristã completou o ciclo com os festejos de São Pedro e São Paulo, ambos apóstolos da maior importância, homenageados em 29 de junho.

Desde o início da colonização em 1500, as festas de São João já eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas.

Todo período é dotado de rituais, como festas que congregam as comunidades indígenas em danças, cantos, rezas e muita fartura de comida. Deve-se agradecer a abundância, reforçar os laços de parentesco (as festas são uma ótima ocasião para alianças matrimoniais), reverenciar as divindades aliadas e rezar com fervor para que os espíritos malignos não impeçam a fertilidade. O ato de atear fogo para limpar o mato, além de fertilizar o solo, serve principalmente para afastar esses espíritos malignos.

Não por acaso a maioria das comidas típicas são à base de milho, pois no Brasil coincide com a época da colheita deste cereal, sendo este um dos produtos agrícolas genuinamente locais, além do amendoim, a batata-doce e a mandioca, todos cultivados pela população indígena, tornando-se a base da alimentação dos brasileiros, em especial dos nordestinos. Os portugueses trouxeram a tecnologia, como o forno de fazer farinha, os costumes, modo de preparo dos pratos e temperos variados, que provocaram mudanças no processamento desses produtos. Hoje eles constituem o cardápio básico das festas juninas.

Rangel conta ainda que as músicas típicas das festas juninas podem ser apenas cantadas ou também dançadas. Até hoje muitas são compostas especialmente pelos nordestinos, e formam o repertório do estilo musical “forró”, que se transformou em baile realizado não apenas no período junino.

O “Santo João”

Primo de Jesus Cristo, João Batista nasceu no dia 24 de junho, e morreu em 29 de agosto do ano 31 d.C., na Palestina, degolado por ordem de Herodes Antipas a pedido de sua enteada Salomé, pois a pregação do filho de Santa Isabel e São Zacarias incomodava a moral da época. Às margens do rio Jordão, antes mesmo de Jesus, João Batista já pregava publicamente. Ele instituiu, pela prática de purificação através da imersão na água, o batismo,

tendo inclusive batizado o próprio Cristo nas águas desse rio.

São João é o santo mais festejado dentre os santos de junho, inclusive um dos poucos que tem sua data comemorativa no dia do seu nascimento. O dia 23 de junho, véspera do seu nascimento, marca o início dos festejos. Ao santo foi conferida a homenagem de nomear o mês (junho: mês de São João) e também pelo hábito de se chamar “joaninas” as festas realizadas no decurso dos seus trinta dias.

São João é muito querido e seu dia é festejado com fogos de artifício, tiros e balões coloridos. Acende-se uma fogueira à porta de cada casa para lembrar a fogueira que Santa Isabel acendeu para avisar Nossa Senhora do nascimento do seu filho. Também com esta finalidade, a mãe de João Batista mandou erguer um mastro com um boneco no seu topo.

A representação do mastro na atualidade serve de ponto de saída das típicas bandeirolas juninas, colorindo a festa e sustentam em sua ponta bandeiras com imagens dos Santos do mês. Ao pai de João Batista é conferida outra tradição da festa junina muito apreciada pelas crianças, o costume das bombinhas:

São João, segundo a tradição, adormece no seu dia, pois se estivesse acordado vendo as fogueiras que são acesas para homenageá-lo não resistiria: desceria à Terra e ele correria o risco de incendiar-se (...). Antes de São João nascer, seu pai, São Zacarias, andava muito triste por não ter filhos. Certa vez, um anjo de asas coloridas, envolto em uma luz misteriosa, apareceu à frente de Zacarias e anunciou que ele seria pai. A alegria de Zacarias foi tão grande que ele perdeu a voz desse momento em diante. No dia do nascimento do filho, perguntaram a Zacarias como a criança se chamaria. Fazendo um grande esforço, ele respondeu “João” e a partir daí recuperou a voz. Todos fizeram um barulhão enorme. Foram vivas para todos os lados (RANGEL, 2008, p. 34 - 35).

Apoiada em muitas das tradições que foram transmitidas e incorporadas de todas essas origens, a festa junina de Cachoeira tornou-se um marco para a cidade, principalmente pelo seu caráter popular e com o diferencial de contar com elementos únicos dessa região como o Samba de Roda e a Feira do Porto.

Década de 1970: o encontro entre o São João de Cachoeira e a gestão turística na Bahia

O São João de Cachoeira sempre foi marcado pela espontaneidade repassada entre gerações. Seguindo preceitos católicos e pagãos, os preparativos tinham início no dia 22 de junho, data que marcava uma edição especial da Feira do Cais do Porto de Cachoeira. Esta Feira acontecia tradicionalmente toda sexta-feira na beira do rio Paraguaçu há mais de 200 anos. O dia oficial de feira na cidade era o sábado e acontecia em outro local. Porém, quem queria economizar, ficava as margens do rio Paraguaçu no dia anterior esperando os saveiros que traziam as mercadorias, e por não ter atravessadores, compravam os produtos mais baratos.

Como os festejos juninos sempre tiveram muita tradição na cidade, convencionou-se que na antevéspera do São João haveria a Feira do Porto com os produtos típicos do período, como milho, amendoim, cana-mirim, laranja de umbigo, aipim e seus derivados, jenipapo, tamarindo e dos bolos de folha de mandioca moída da tradicional maniçoba preparada naquela época. Neste dia a euforia era tanta que a Feira invadia a madrugada e só acabava na manhã do dia 23, onde as famílias realizavam os preparativos dos quitutes característicos que compõem a memória afetiva e gastronômica do local, como milho e amendoins cozido,

canjica, doce de jenipapo, maniçoba, pé-de-moleque, paçoca e os diversos bolos, como de laranja, milho, aipim e carimã.

Além das comidas, outro preparativo que muitas famílias produziam de forma artesanal durante os meses que antecediam o São João, eram os licores de diversos sabores, sendo os mais populares os de jenipapo, passas, cajá e maracujá.

Todo este banquete ficava à espera dos grupos de vizinhos, amigos e familiares que, seguindo a tradição, passeavam de porta-em-porta questionando se São João havia passado por ali. Desta forma entravam, comiam e bebiam, dançavam o forró pé de serra e partiam para outra casa repetindo o ritual.

As ruas da cidade eram decoradas pelos próprios moradores, cada um tentando deixar a sua mais bonita. Fogueiras iluminavam as portas das casas e serviam de estopim para os fogos de artifícios que as crianças soltavam em comemoração ao nascimento do menino João, além dos jogos e brincadeiras, como quebra pote, pau-de-sebo e trança-fitas. Xote, xaxado e baião, animavam ainda mais a festa e embalavam os concursos de dança junina. Samba de Roda também se fazia presente entre os ritmos do festejo.

Essa descrição permite entender o caráter popular, simples, original e até familiar da expressão cultural da Festa. As pessoas reuniam-se com mais afinco para que a cada ano tudo tivesse melhor. O grupo social se reconhecia como parte constituinte daquela festa. Ao analisar esse período, mesmo que na sua maioria por depoimentos e fotos antigas, nota-se uma ação mais lúdica dos grupos para realizar a festa, da confecção da bandeirola até a gastronomia regional.

Logo, é possível afirmar que o São João de Cachoeira tinha um caráter efetivamente popular. Uma festa que deve ser de caráter participativo, com o povo como principal referência de construção e origem do festejo. O objetivo do São João era cumprir uma tradição e percorrer um caminho já traçado e reatualizá-lo num evento que legitimava no presente a sua origem (RIBEIRO; FERREIRA, 2009).

De acordo com Dias (2006), enquanto a Bahiatura investia na cadeia hoteleira de Cachoeira na década de 1970, a prefeitura municipal solicita seu investisse no São João da cidade, aproveitando o momento de interesse do Estado em Cachoeira. Constata-se que a prefeitura passava por problemas financeiros e, além do investimento, solicitou a Bahiatura ainda o planejamento, organização, divulgação e execução da festa. Isso aconteceu no ano de 1972 e daí em diante ficou a cargo da Bahiatura promover a festa. Foi por isso que o São João de Cachoeira se tornou o primeiro grande evento promovido pelo órgão oficial de turismo da Bahia.

Existem outras perspectivas sobre como ocorreu o investimento da Bahiatura no São João de Cachoeira, a exemplo na iniciativa da Casa Paulo Dias Adorno, fundação local de apoio a cultura que sempre foi vista com maus olhos pela população cachoeirana pela fama de grupo anarquista e de convicções que iam de encontro às “regras morais” da época. Fato foi que diante da evidência que a cidade estava naquela época e das diretrizes governamentais para promoção turística, não foi tão complicado conseguir apoio para o início da espetacularização do São João de Cachoeira.

A festa idealizada pela Bahiatura buscou ao máximo valorizar as tradições locais, a começar pela Feira do Porto, que não só foi incorporada como elemento da programação, como também nomeou o São João de Cachoeira: Festa de São João da Feira do Porto de Cachoeira. Nos dias 22 e 23 a feira marcava o início da festa, que só terminava no dia 25, data magna da cidade, fazendo referência ao início da luta armada pela Independência do Brasil na Bahia. O festejo teve a intenção de englobar três atrativos: a feira livre dos produtos juninos, a festa popular e o cortejo cívico.

Conforme depoimentos, essa primeira experiência foi muito positiva e é lembrada até hoje com muito entusiasmo pelos moradores mais antigos. A Bahiatura tentou manter e preservar a tradição sem interferir. Seu papel foi de “reunir” aquilo que fosse tradicional e que acontecia espontaneamente. A festa concentrou-se na margem do rio Paraguaçu (Figura 02), onde foram montadas barracas de palha para a venda das tradicionais comidas e bebidas típicas junina. Para estimular que os barraqueiros se esmerassem na decoração, foi elaborado um concurso da barraca mais bem decorada. Havia também concurso para eleger a rua com melhor decoração, festival de quadrilha junina e ainda um altar com a imagem de São João Batista na beira do Paraguaçu.

Figura 02 - Artesanato na Feira do Porto. Ao fundo a cidade de São Félix e o rio Paraguaçu.



Fonte: BAHIA, 1980.

No local onde acontecia a feira foi montado um palco (Figura 03) para atrações de renome da época como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Quinteto Violado. Tocaram também grupos típicos da região e os grupos de Samba de Roda. Foi nessa época que surgiu o Samba de D. Dalva, um dos mais famosos Sambas de Cachoeira.

Figura 03 - Palco montado a beira do Rio Paraguaçu para apresentações da programação da Festa.



Fonte: BAHIA, 1980.

Com o passar do tempo, a Festa de São João da Feira do Porto de Cachoeira tornou-se uma atração capaz de transformar a dinâmica da cidade. Ela passou a receber muitos visitantes que contribuíam para a movimentação da economia local e em contrapartida outras consequências provenientes dessa nova dinâmica foram se estabelecendo, como a modificação da essência da Festa.

Outro fator resultante das transformações sofridas na comemoração junina, dado o pioneirismo de Cachoeira foi o despertar do interesse de cidades do interior baiano em também promover seus festejos juninos tal qual a Feira do Porto. Esse “*case* de sucesso” repercutiu e foi inspirador para outras localidades. Bons exemplos vêm de cidades vizinhas, como Amargosa e Cruz das Almas, que não tem grande relevância em tradições culturais.

A Bahiaturisa, sendo o órgão estadual e já tendo um precedente, foi acionada por outras cidades para patrocinar a promoção dos seus eventos juninos. Ao longo do tempo, estes pedidos só fizeram aumentar, fazendo com que a Bahiaturisa distribuísse seus recursos. De acordo com depoimentos dados pelos representantes do governo estadual e municipal, o órgão oficial de turismo do Estado percebeu que já era tempo do poder público local de Cachoeira adquirir maior responsabilidade pelo São João da Feira do Porto, evento já consagrado no calendário da cidade.

Constata-se, através dos depoimentos e pesquisa nos arquivos públicos de Cachoeira e São Félix em jornais publicados na época, que a Bahiaturisa respeitou a tradição do lugar e manteve as origens naturais da festa, dando apenas um caráter mais organizado ao evento. De acordo com o projeto inicial, a Bahiaturisa ficaria a frente da organização do São João por 5 anos. Mas esse prazo se estendeu por mais 5 anos, finalizando sua participação como principal organizadora da festa no início da década de 1980. Porém, ao longo desta década, durante a gestão do Prefeito Salustiano Coelho de Araújo (Conhecido como Sr. Salu) o envolvimento da Bahiaturisa permaneceu com muita influência nas decisões a respeito da comemoração, conforme afirma o atual Chefe de Gabinete da Prefeitura de Cachoeira, Sr. Lourival Trindade.

A atual gestão municipal acredita que as mudanças ocorridas após a prefeitura assumir a gestão da festa, mudanças essas perceptíveis a partir da década de 1990, são fruto do surgimento da concorrência das festas de São João em outras cidade, pois antes de Cachoeira, não existia a festa com tanta magnitude. Os novos festejos promovidos por outras cidades do interior baiano não carregavam consigo uma herança simbólica e cultural como a de Cachoeira e a forma de compensar esse déficit foi o apelo para atrações musicais em evidência no cenário nacional e, com isso, conhecidas pelo grande público, facilitando a atração de turistas para aquela localidade.

Na tentativa de se igualar as outras cidades que estavam conseguindo atrair grandes públicos, com a estratégia de contratar bandas de sucesso do momento, a festa de Cachoeira ganhou concorrentes. Isso ocorreu mais intensamente no início da década de 1990 na gestão do Prefeito Raimundo Leite (conhecido como Dinho Farofa). Representantes locais, afirmaram que esta decisão mudou muito a tradição do festejo junino da cidade que a diferenciava e a tornava única, dentre as realizações de mesma natureza do Estado.

Década de 1990: a gestão municipal e um novo olhar para o São João de Cachoeira

A década de 1990 foi o marco inicial de mudanças no tradicional São João de Cachoeira. Com a saída da Bahiaturisa do comando do festejo na década anterior, o São João passou a ser gerido por quem de fato era de direito, a prefeitura municipal, que inicialmente manteve o estilo implementado pelo Estado, mas depois preteriu antigas tradições e os

festejos de raízes locais. Na edição de junho de 1980 da Revista Viver Bahia, a Bahiatursa já sinalizava a possibilidade de descaracterização do São João de Cachoeira, em tom de preocupação:

A feira do porto tem crescido muito nos últimos anos, levando os organizadores estaduais ligados ao turismo à preocupação com o perigo de sua descaracterização pelo igualamento às demais festas que integram o famoso ciclo de festas populares da Bahia, desenvolvido entre os meses de dezembro e março (BAHIA, 1980, p.20).

Porém, a partir da década de 1990, nenhuma ação em retaliação a evidente descaracterização dos festejos juninos em Cachoeira foi tomada pela Bahiatursa. Desde então seu envolvimento limitava-se à destinação de aporte financeiro do Estado para a prefeitura como parte do financiamento da festa.

A Feira do Porto configurava-se como uma das principais inspirações para celebração do São João em Cachoeira e com o tempo foi perdendo prestígio no circuito junino até sua completa extinção. Essencialmente, ela já não corresponde mais às suas origens não sendo possível perceber a relação entre a chegada de produtos pelo rio Paraguaçu e a euforia das pessoas em adquiri-los para mesa farta no São João.

Atualmente, encontram-se muitos produtos alimentícios como hambúrgueres, cachorro-quente, churrascos, refrigerantes e cervejas. No entanto, a Feira do Porto era detentora da capacidade de fazer sentir o sabor local e a gastronomia presente no cotidiano das pessoas. Era um patrimônio que proporcionava aos cachoeiranos e turistas a possibilidade de consumir uma Cachoeira longínqua em um passado que não existe mais.

A Feira do Porto mantém-se viva apenas pelo vazio que sua ausência proporciona. Hoje seu legado é marcado apenas pelo nome do festejo. Atualmente, o que é chamado de Feira do Porto é uma feira de artesanato com produtos de cerâmica de Maragogipinho, uma outra cidade do Recôncavo Baiano, famosa pela vasta produção desse tipo de artigo.

Com o tempo, Cachoeira se tornou um destino turístico de características comuns aos já existentes no cenário baiano, devido a falta de preservação dos bens que a tornam única. A autenticidade é um fator fundamental de diferenciação e de atratividade turística, mas, sobretudo de preservação daquilo que é original.

Outra mudança que tornou a festa pouco autêntica, e que sensibiliza a comunidade local, baseado em relatos de pessoas que vivenciaram os primeiros anos da Festa, são os privilégios oferecidos às atrações de renome nacional, na maioria das vezes tocando ritmos completamente distintos do que seria típico daquele momento, em detrimento das atrações de raízes da cultura local. Tratando sobre esta questão, Castro (2012) afirma que:

Na década de 1990, o caráter cultural, folclórico e pitoresco das festas juninas de Cachoeira passou progressivamente a ser mesclado com práticas ligadas a festas de largo ou mesmo de carnaval fora de época como estratégia para proporcionar mais competitividade à festa junina concentrada em meio a um contexto estadual e regional no qual se notava o surgimento de outros polos festivos a exemplo de Amargosa e Cruz das Almas. Na composição programática das festas juninas nas gestões dos prefeitos pós-1990, imiscuíram entre os folguedos populares e o forró tradicional uma musicalidade híbrida como o axé *music*, tipicamente baiano, pagode carioca e o forró eletrônico emergente, oriundos de outros estados nordestinos (CASTRO, 2012, p.159).

A Bahia tem um calendário de festas vasto e todas elas marcadas por ritmos próprios da festividade. Ocorre, dessa forma, no Carnaval, com o axé *music*, nos ternos e nas lavagens, com as canções religiosas e instrumentais, no São João não poderia ser diferente. Porém, muitos artistas de Cachoeira reclamam da atenção dada aos artistas nacionais durante a formatação do evento. Esses artistas ficam com os melhores dias e horários de apresentação, além de terem pagamentos maiores do que os artistas locais.

Essa desvalorização é observada com pesar pelas pessoas que produzem manifestações populares na cidade. Elas resistem e continuam se apresentando nos horários alternativos para poucos espectadores, mantendo assim viva a memória e originalidade do festejo, ainda que com pouco reconhecimento e recursos.

Já as grandes atrações nacionais seguem se apresentando no horário nobre da festa, ganhando cachês que pagariam, com tranquilidade, a maioria dos artistas locais pois, segundo os próprios, eles ganham apenas um salário mínimo pela participação no São João.

E o “passar de porta em porta”? E as músicas cantadas para embalar esse passeio nas casas da cidade? Mesmo estas ações não tendo relação direta com o investimento e a administração da festa, tiveram alterações. Tradição feita pelo povo e para o povo, com o intuito de interatividade, de demonstração de hospitalidade através da comida, até isso já não se faz presente com a força que acontecia. Fator preocupante porque é sinal que a própria população já não se reconhece em tudo que envolve a festa. E assim, atitudes que demonstravam o caráter popular e espontâneo da festa, iniciam um processo de distanciamento daqueles que a tornavam popular.

É possível observar que o poder público municipal, restringindo-se ao interesse de fortalecimento econômico, mudou o foco principal que existia no início com a administração da Bahiatursa. O objetivo passou a ser o aumento do ganho econômico gerado pela festa valorizando a cultura de massa, em detrimento da preservação da cultura de raiz original da localidade, que a diferenciava dos festejos surgidos em outras localidades.

Nesse sentido, aponta-se uma festa no espaço público, pretendendo a concentração de foliões que forma uma grande massa festiva, o que se configura com um aspecto de festa-espetáculo, contrastando com a festa comunitária do tradicional São João de Cachoeira.

O festejo de São João é uma ação muito onerosa para o município. A relação investimento / arrecadação ainda é desproporcional, potencializada pela irrisória participação do Governo do Estado na atualidade. Segundo a prefeitura, a permanência do investimento na espetacularização das festas juninas justifica-se, pois permitiu a reinvenção mercadológica da festa, projeção turística da cidade, divulgação no meio midiático e a diversificação da economia local com a atração de investimentos.

A promoção do evento espetacularizado intensifica o consumo de serviços pelos visitantes, que nesse período chegam a dobrar a população local: eles alugam casas, hospedam-se em hotéis, em casa de amigos ou ficam na cidade apenas por um dia e ajuda a contribuir para o aumento das vendas nos estabelecimentos comerciais da localidade (CASTRO, 2010).

Desse modo, a gestão local, sentindo-se pressionada pela concorrência estabelecida na década de 1990, optou por se igualar ao novo modelo de promoção do festejo junino, o que, em termos financeiros, era mais rentável do que manter suas raízes preservando o tradicional.

A prática junina, antes calcada em raízes comunitárias, com festas “errantes” na companhia de amigos e familiares, desenvolveu-se e descaracterizou-se atingindo um nível elevado de complexidade, na medida em que preteriu a comunidade agregando outros agentes, a exemplo de outros tipos de gastronomia, dança e atrações.

O processo de mudança em qualquer atividade é natural. Vê-se na economia, na

história, na cultura e tantas outras áreas. Mas o controle, a organização e o planejamento para que essas mudanças sejam benéficas, raramente atendem à demanda necessária. A cultura, por exemplo, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado e imutável.

Por outro lado, essas mudanças devem respeitar os limites da originalidade e não distanciar os elementos genuínos antigos dos mais recentes. Para isso os atores sociais, comunidade e iniciativas pública e privada precisam estar envolvidos diretamente no processo de preservação.

Ao analisar a programação do São João de Cachoeira no início da década de 1970, quando a Bahiatursa investia e organizava o festejo, percebe-se que tradicionalmente as quadrilhas, Samba de Roda, barracas de comida típicas e a visita de porta-em-porta eram o que se destacavam. Por outro lado, as programações mais recentes têm um estilo absolutamente diferente de divulgação, contando com atrações similares a festas de outras épocas do ano.

Fica evidente que as mudanças no São João de Cachoeira vão além do que se pode chamar de renovação ou fruto da modernidade. Contudo, vale esclarecer que essa análise não sugere que a festa permaneça estática, sem se renovar e agregar novos valores, mas sim que se estabeleça parâmetros lógicos e equivalentes a uma cidade histórica, responsável por salvaguardar um patrimônio.

4 A percepção dos moradores locais diante das transformações ocorridas na expressão cultural da Festa

Diante das constatações acerca do processo de transformação do São João da Feira do Porto, tornou-se fundamental compreender a percepção dos moradores da cidade diante de tais mudanças. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados em pesquisa de campo com aplicação de questionário. Metodologicamente a pesquisa de campo se dividiu em três etapas: pré-campo, campo e pós-campo. A sistematização de cada etapa foi feita da seguinte forma:

Etapa pré-campo

O estudo foi conduzido com a coleta de dados primários através da utilização de questionário padronizado. As variáveis do questionário foram agrupadas em três blocos temáticos: I - Caracterização da população; II - Percepção do São João da Feira do Porto (identidade e território); e III – Turismo, totalizando 44 questões. Depois da validação do questionário, foi criado um banco de dados no software Epi Info versão 3.5.1 para digitação dos mesmos após sua aplicação.

A amostragem do grupo pesquisado foi delimitada com base nas informações do censo demográfico 2010 do IBGE, que quantificou a população total de Cachoeira em 32.026 habitantes. Porém, para este estudo utilizou-se como critério de inclusão a população urbana, que equivalia a 14.188 habitantes (44,3% do total). Outro critério adotado foi a inclusão apenas de residentes na sede do município com idade igual ou superior a 19 anos. Neste sentido a população em análise consistiu em 9.810 habitantes (30,6% da população total do município).

Usou-se o seguinte cálculo para a definição da amostra:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

- N - população (9.810);
- Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança (95%);
- p - verdadeira probabilidade do evento (mínimo de 60%);
- e - erro amostral (5%);
- n - amostra calculada (354).

Desta forma, aproximando o valor encontrado, definiu-se a amostra com 360 habitantes. Além disso, as informações do censo demográfico 2010 do IBGE também foram utilizadas para estratificar o cálculo da amostragem por gênero e grupo etário (Quadro 01), buscando ao máximo respeitar as características gerais da população.

Quadro 01 – Características da população e amostra selecionada.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GÊNERO E FAIXA ETÁRIA		
	POPULAÇÃO EM ANÁLISE (IBGE 2010)	RESULTADO DA AMOSTRA SELECIONADA
	Valor Absoluto	Valor Absoluto
Gênero	Habitantes	Habitantes
Masculino	4513 (46%)	155 (43%)
Feminino	5297 (54%)	205 (57%)
Faixa de etária (anos)	Habitantes	Habitantes
19 25	1.520 (16%)	55 (15%)
25 50	5.438 (55%)	204 (57%)
50 64	1.733 (18%)	65 (18%)
Maior que 64	1.119 (11%)	36 (10%)
TOTAL	9.810 habitantes	360 habitantes

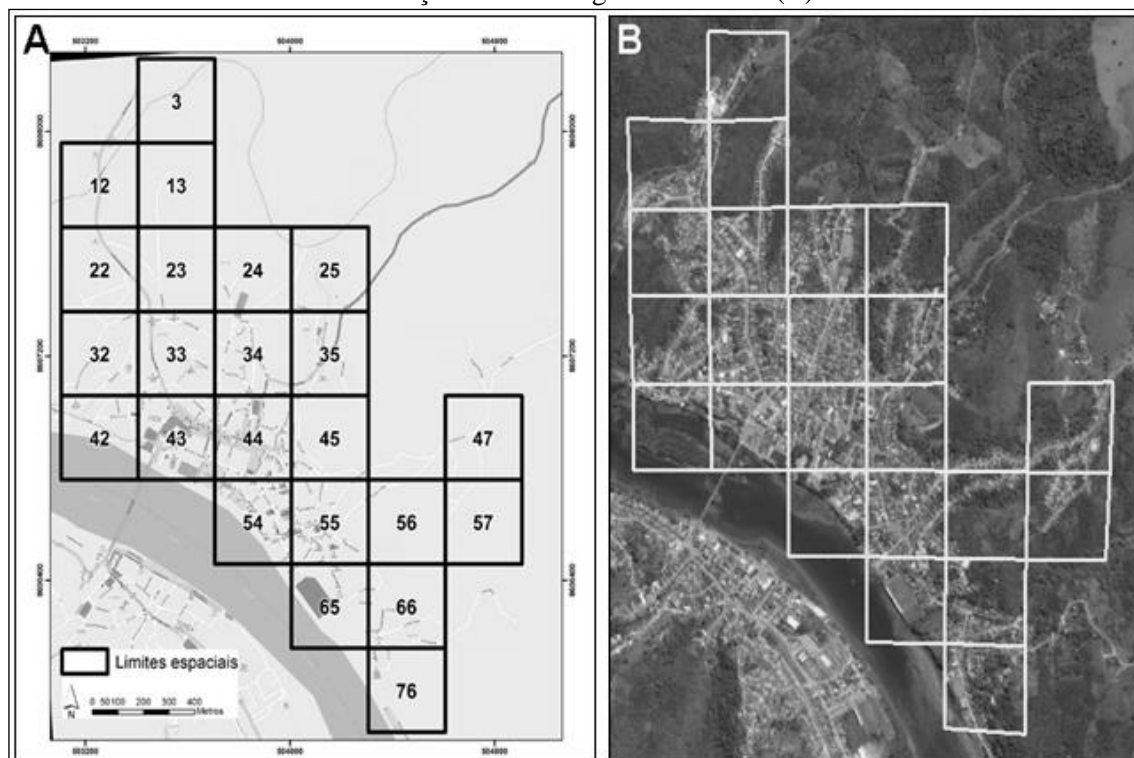
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Partindo do pressuposto que as percepções dos moradores sofreriam influência em relação a proximidade da residência dos entrevistados para o local geográfico de realização do evento, foi criada uma malha recobrando a área urbana de Cachoeira composta por 23 quadrados contendo 300 metros de lado para o georreferenciamento dos questionários utilizando o software ArcGIS 10 (Figura 04-A).

Os setores censitários do IBGE não foram utilizados como unidades espaciais de referência nesta pesquisa por apresentarem, na área urbana de Cachoeira, polígonos de grandes dimensões, o que dificultaria a captura das mudanças de percepções da população entrevistada para o efeito espacial esperado na análise.

Através da observação de imagem de satélite (Google Earth) levando em consideração a densidade de habitações em cada parte da subdivisão proposta como unidade espacial de referência (Figura 04-B) e a tipologia identificada no zoneamento urbanos do PDU, foram definidas as quantidades de questionários a serem aplicados em cada uma das 23 delimitações, variando de 8 a 20 questionários.

Figura 04 - Delimitações criadas para georreferenciamento dos dados (A);
Delimitações sobre imagem de satélite (B).



Fonte: Elaboração própria, com base em OpenStreetMap e Google Earth, 2014.

Etapa de campo

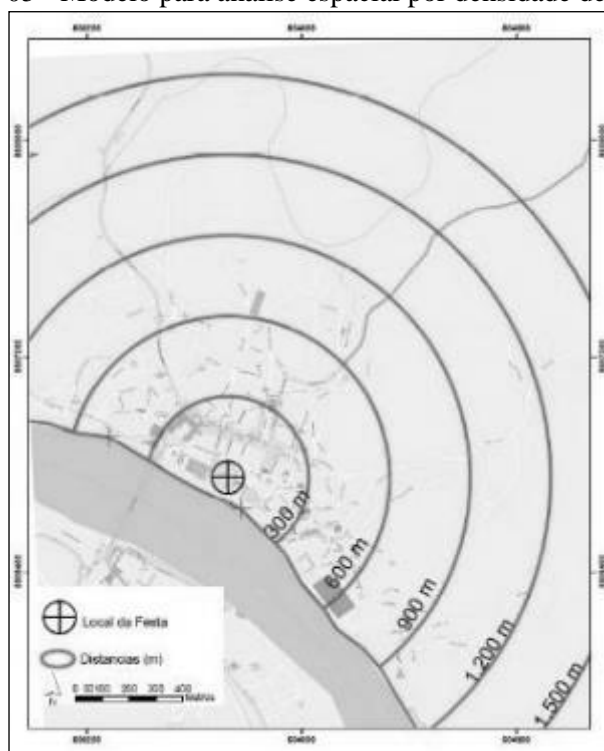
A coleta de dados foi realizada no período de 04 à 07 de novembro de 2014, seguindo os critérios estabelecidos na Etapa pré-campo. A aplicação dos questionários foi realizada seguindo indicações cartográficas da área a ser coberta (ver Figura 04-A), quantidade de questionários a serem aplicados em cada delimitação e perfil desejado dos entrevistados (gênero e faixa etária).

Etapa pós-campo

Foi realizada a digitação das informações obtidas no banco de dados criado e gerados os resultados em gráficos, seguido das análises. As variáveis categóricas foram analisadas através da medida estatística de frequência e as variáveis contínuas pela sua distribuição por medidas de tendência central e dispersão (média e quartis). O georreferenciamento dos dados foi feito a partir do agrupamento das frequências das respostas por unidade espacial de referência.

Com o objetivo de identificar áreas com concentração espacial (*clusters*) de entrevistados com percepções semelhantes, foram realizadas análises espaciais de densidade de *Kernel* com raio de busca definido a cada 300 metros (Figura 05).

Figura 05 - Modelo para análise espacial por densidade de *Kernel*.



Fonte: Elaboração própria, com base em OpenStreetMap, 2014.

O estimador de densidade de *Kernel* constitui um procedimento estatístico não paramétrico de suavização de pontos em uma superfície geográfica de acordo com a densidade da proporção das respostas dos entrevistados por cada unidade espacial de referência utilizada na pesquisa. Trata-se do ajuste de uma função bidimensional que realiza uma contagem de todos os pontos dentro de uma área de influência (grade), ponderando-os pela distância de cada um à localização de interesse (BRASIL, 2007).

Resultados e discussão

A caracterização da população que compôs a amostra formada por 360 residentes na sede de Cachoeira é o item que inicia a análise dos resultados obtidos com a aplicação dos questionários. A frequência por gênero mostra que 57% são do sexo feminino. A média de idade foi de 40,3 anos (19 anos idade mínima e 87 anos idade máxima) a mediana de idade foi de 37 anos, tendo 25 anos e 52 anos nos interquartis. O enquadramento nas distribuições etárias foi definido de acordo ao IBGE.

Para compor o perfil socioeconômico também foram considerados o estado civil, ter ou não filhos, o tempo que reside em Cachoeira, a escolaridade, a religião, se trabalha ou se tem alguma fonte de renda e a renda média mensal. Com relação ao estado civil, houve predomínio entre os casados e solteiros, com 46% e 40% respectivamente. Ao estratificar o percentual de solteiros com o percentual dos entrevistados que declararam ter filhos (70%), percebe-se que 39% dos solteiros já são pais.

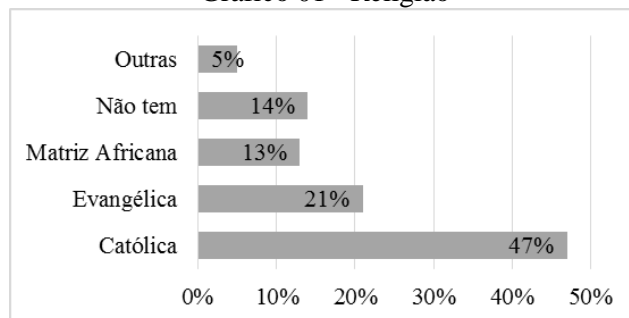
Quanto à escolaridade, o ensino médio teve maior destaque, com 45%, seguido de ensino fundamental com 27% e nível superior com 17%. Para verificar os dados referentes a renda média, os entrevistados tiveram opções entre menos de 1 salário mínimo e de 5 e 10

salários mínimos. Os resultados que mais se destacaram foram os intervalos de 2 e 3 salários mínimos (30%) e de 1 salário mínimo (28%).

Questionado se estava trabalhando de forma remunerada ou se tinha alguma outra fonte de renda, 23% dos entrevistados informaram que não recebiam qualquer rendimento. Dos que recebiam, 40% trabalham sem vínculo empregatício, 38% tem carteira de trabalho assinada, 21% são aposentados ou pensionistas e uma ínfima minoria trabalha apenas de forma temporária nas festas da cidade. Sobre o tempo de residência, a maioria dos pesquisados moram em Cachoeira entre 21 e 30 anos (23%) e 31 e 40 anos (20%), havendo também 9% de moradores que residem na cidade há mais de 61 anos.

Um quesito importante para as análises que se seguiram foi a religiosidade dos entrevistados. O estudo versa sobre uma festa de origem eminentemente católica, o que poderia influenciar na percepção de pessoas que professam outras religiões. Outro ponto de interesse referente a este indicador é o fato de Cachoeira ter uma estreita relação com as religiões de matrizes africanas pela grande concentração de negros trazidos da África no período do colonialismo. O resultado deste indicador pode ser observado no Gráfico 01, com o predomínio da religião católica.

Gráfico 01 - Religião



Fonte: Elaboração própria, 2015.

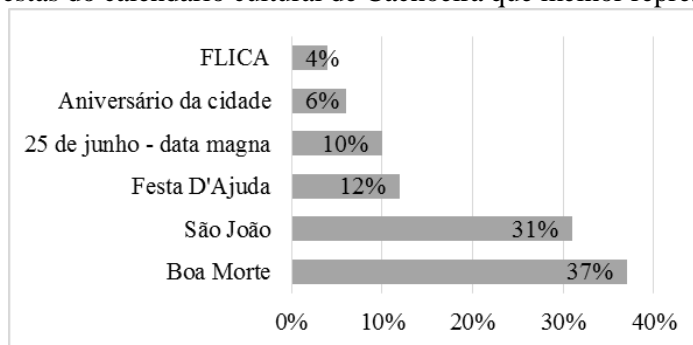
Traçado o perfil da amostra analisada, partiu-se para as questões referentes a percepção dos moradores locais frente à evolução do São João da Feira do Porto. Neste ínterim, é importante ressaltar o orgulho em viver numa cidade com tantos títulos como Cachoeira. Uma das questões perguntava sobre o conhecimento do fato da cidade ser tombada pelo IPHAN por seu conjunto paisagístico e arquitetônico. A maioria absoluta (97%) respondeu positivamente. Única cidade do Brasil com os títulos de Monumental, Heroica e Histórica, os cachoeiranos demonstraram conhecimento sobre os fatos mais relevantes da cidade, como a importância econômica e social na formação do país no início da colonização e seu envolvimento nas lutas em favor da independência do Brasil.

Cachoeira é uma cidade com um rico calendário cultural com destaque para as diversas festas de cunho popular que movimentam e mudam a dinâmica da cidade. Uma dessas festas foi classificada pelos moradores como a que melhor representa a cidade. Trata-se da Festa da Boa Morte, que com seus ritos sincréticos entre o Cristianismo e o Candomblé, destaca-se há anos chamando a atenção de turistas, sobretudo estrangeiros. Esta é outra festa que recebeu incentivos da Bahiatursa e até hoje conta com sua supervisão e apoio. Atrelado aos fatos de acontecer num período isolado e ser uma festa única (a festa só ocorre em Cachoeira e no mês de agosto, período que não há eventos fixos em outras localidades), a Boa Morte tornou-se símbolo do turismo étnico na Bahia e é cuidada para que a tradição que a diferencia não se perca.

Mesmo não tendo o mesmo zelo devotado a Boa Morte e constatada a perda de

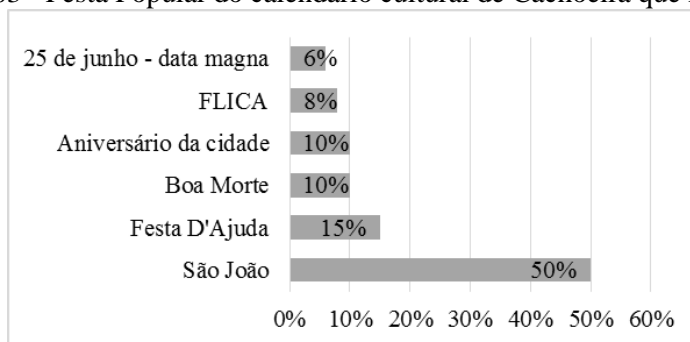
autenticidade iniciada nos anos 1990, o São João da Feira do Porto figura em segundo lugar entre as festas que melhor representam Cachoeira, mas é a festa que mais se destaca no gosto dos moradores. Os resultados apontados os Gráficos 02 e 03 revelam o discernimento da população em distinguir seu gosto pessoal de uma visão mais abrangente da cultura local.

Gráfico 02 - Festas do calendário cultural de Cachoeira que melhor representam a cidade



Fonte: Elaboração própria, 2015.

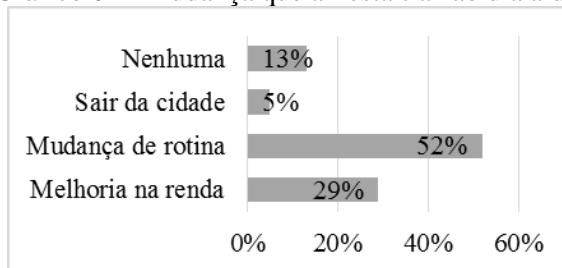
Gráfico 03 - Festa Popular do calendário cultural de Cachoeira que mais gosta



Fonte: Elaboração própria, 2015

O São João de Cachoeira tem indicadores de um evento com grande impacto local e gerador de mudanças na dinâmica social da cidade, tendo em vista que 52% dos entrevistados afirmaram ter sua rotina afetada de forma considerável pela festa e 29% alegaram melhoria na renda (Gráfico 04), ratificando sua repercussão entre os moradores.

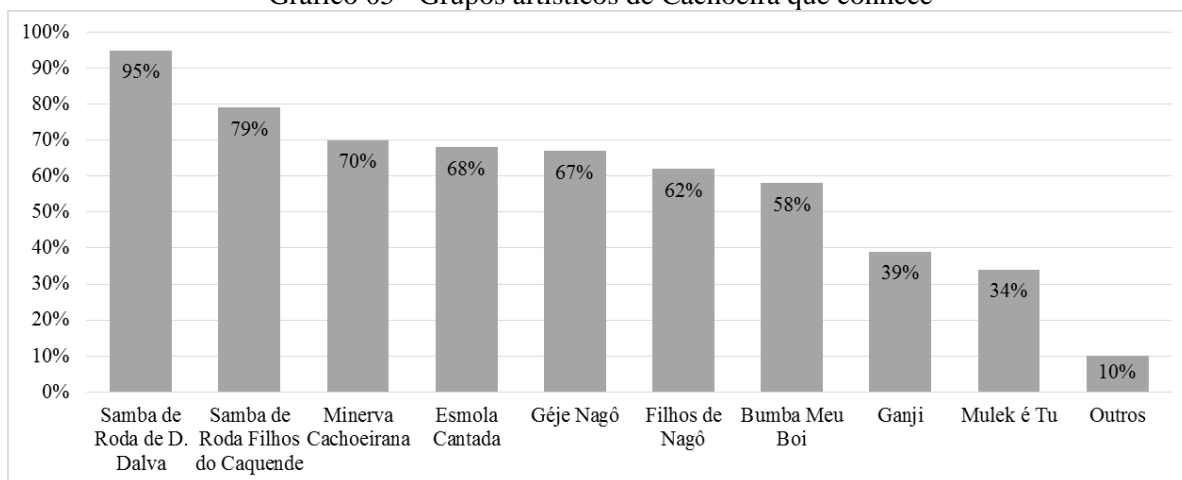
Gráfico 04 - Mudança que a Festa traz ao dia a dia



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Ao serem questionados sobre quais grupos artísticos locais conheciam, os grupos de Samba de Roda ficaram nas primeiras colocações, como o Samba de Roda de Dona Dalva (95%) e Samba de Roda Filhos do Caquende (70%). Algumas das manifestações culturais que figuram no Gráfico 05 também participam da programação do São João.

Gráfico 05 - Grupos artísticos de Cachoeira que conhece

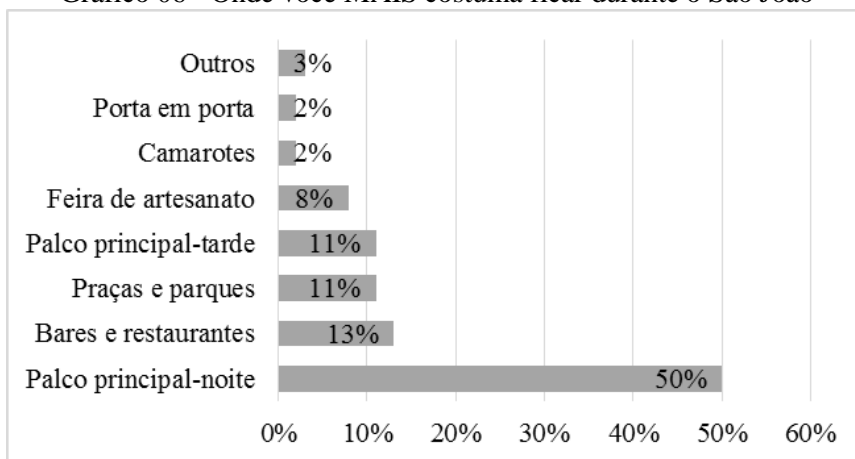


Fonte: Elaboração própria, 2015.

Porém, esta participação era mais efetiva nas primeiras décadas da organização da festa. Com o tempo os grupos locais foram perdendo espaço para atrações de peso nacional, o que demonstra uma perda de identidade, tendo em vista que a programação da festa sempre foi sua base cultural e o que ajudava a atrair um público interessado neste tipo em cultura.

Eles também foram questionados onde ficavam durante a festa e, de acordo com o Gráfico 06, metade dos entrevistados revelaram que tem como preferência o horário da noite. Já o horário da tarde só aparece em quarto lugar com apenas 11% da preferência, sendo que atualmente é no turno da tarde que as atrações locais têm oportunidade de se apresentarem, normalmente, para um pequeno público, o que gera desmotivação, desprestígio e descaracterização da festa. As manifestações culturais locais acham o período da tarde incoerente com o que deveria ser a proposta da festa, tendo em vista que as pessoas ainda estão nos afazeres de casa e a temperatura na cidade ainda está alta, o que dificulta o tom agradável e até mesmo a caracterização típica dos grupos.

Gráfico 06 - Onde você MAIS costuma ficar durante o São João

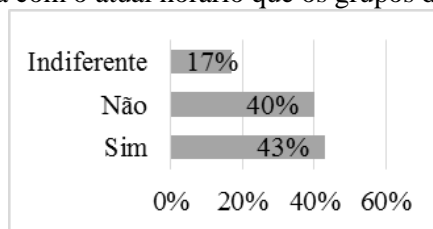


Fonte: Elaboração própria, 2015.

Também tentando mensurar a importância dos grupos locais para os moradores, foi questionado se concordavam com o horário que esses grupos se apresentavam e qual seria sua reação com a hipótese deles não mais integrarem a programação da festa. Observando os Gráficos 07 e 08, percebe-se que 60% concorda ou são indiferentes com a atual distribuição

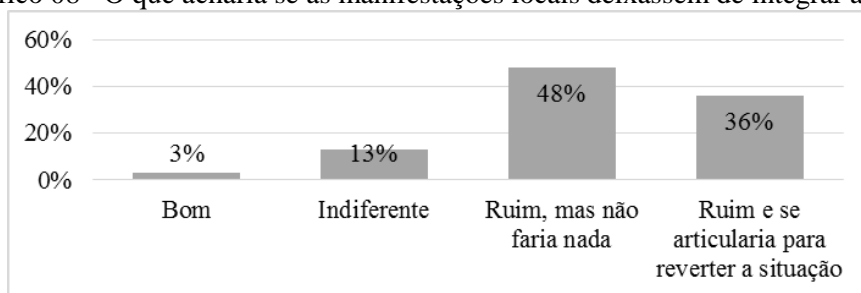
das atrações entre a tarde e à noite e apenas 36% tentaria de alguma forma manter os grupos locais na programação da festa.

Gráfico 07 - Concorda com o atual horário que os grupos da cidade se apresentam



Fonte: Elaboração própria, 2015.

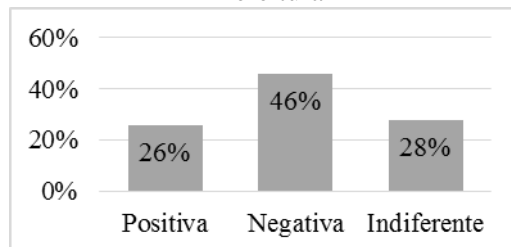
Gráfico 08 - O que acharia se as manifestações locais deixassem de integrar a festa



Fonte: Elaboração própria, 2015.

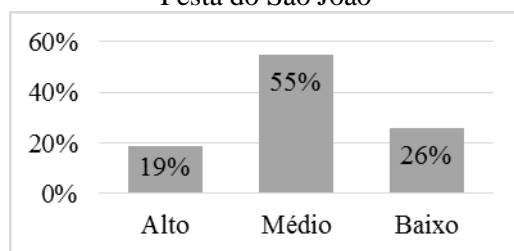
Até o momento os resultados apontavam para um aparente desinteresse da população pelo tradicional, porém ao avaliarem a transição do comando da festa do Estado para o município, período que a festa começou a se descaracterizar com a valorização do espetáculo, a maioria julgou como negativa por perceberem mudanças estruturais no foco da festa (Gráficos 09). Além disso, eles avaliaram como de médio a baixo o respeito às tradições na organização do São João pela prefeitura (Gráficos 10), reconhecendo que o foco principal passou a ser artistas de renome que tem maior apelo comercial e que favorecem a atração de grandes massas. Cada vez mais essas características demonstram uma desconexão entre o fato de Cachoeira ser uma cidade histórica e a gestão cultural das festas.

Gráfico 09 - Avaliação da mudança da gestão da Festa do São João de Cachoeira do Estado para a Prefeitura



Fonte: Elaboração própria, 2015.

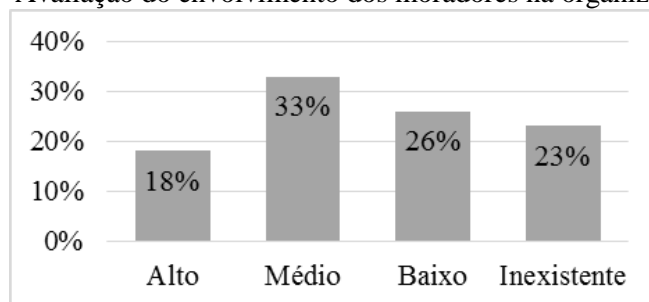
Gráfico 10 - Nível de respeito às tradições culturais a Prefeitura Municipal tem na organização da Festa do São João



Fonte: Elaboração própria, 2015

Questionados sobre o envolvimento dos moradores na organização da festa, 49% tem a percepção de baixo para inexistente (Gráfico11), reconhecendo que não participam da organização. Por se tratar de uma festa que nasceu da espontaneidade do povo e pelo seu sucesso chamar a atenção da Bahiatursa, a representação popular nas tomadas de decisão deveria ser primordial, mesmo porque como afirma Tenan (2002), uma festa popular precisa ter um tom socialmente agradável para atrair as pessoas e mantê-las a frente de modo a fazer jus ao título de uma festa popular, participativa.

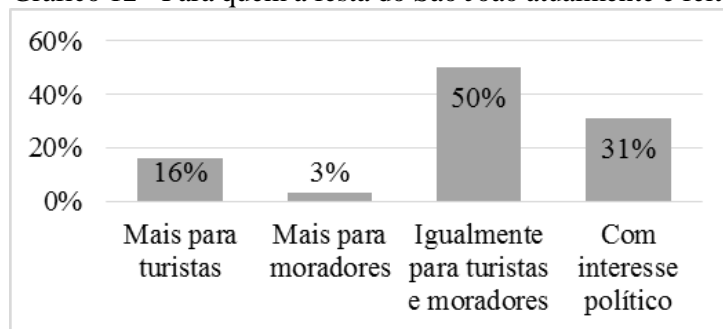
Gráfico 11 - Avaliação do envolvimento dos moradores na organização da Festa



Fonte: Elaboração própria, 2015.

O que pode justificar a falta de participação popular na organização da Festa é o fato de 31% (Gráfico 12) dos entrevistados atribuírem a realização da festa ao interesse político, já que se alega que o poder público busca atender o modismo e cativar a maior parte do público local e, conseqüentemente, eleitores.

Gráfico 12 - Para quem a festa do São João atualmente é feita

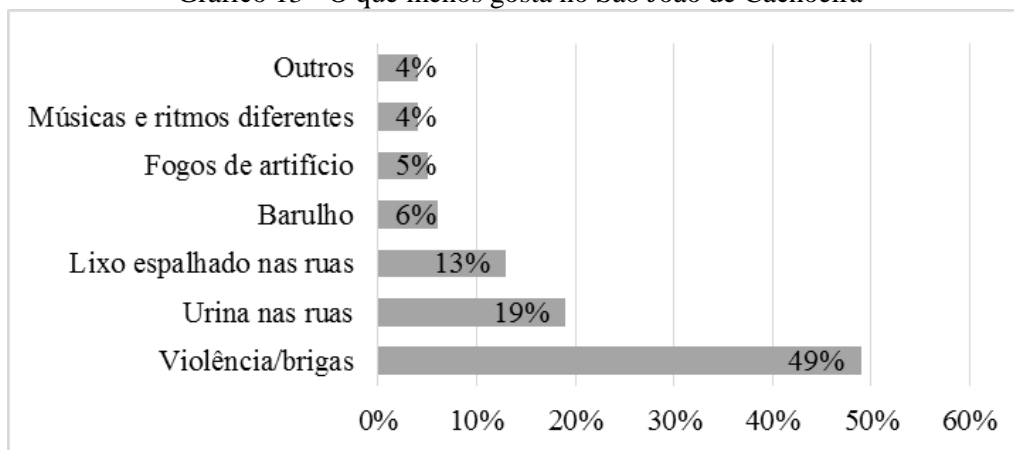


Fonte: Elaboração própria, 2015.

Perguntados sobre o que menos gostava na Festa, 49% dos entrevistados respondeu

brigas e violência como o fator que mais incomodava. Para 19% a ação de urinar nas ruas era o que mais incomodava, para 13% o lixo espalhado na rua causava insatisfação com a festa e 6% relataram o barulho excessivo como desagradado da festa. Destaca-se neste questionamento o baixo resultado para a opção de descontentamento pela presença de músicas e ritmos diferentes do contexto junino na programação da festa (4%), o que pode levar a conclusão que a maioria dos entrevistados já se acostumaram com tal situação (Gráfico 13).

Gráfico 13 - O que menos gosta no São João de Cachoeira



Fonte: Elaboração própria, 2015.

As análises de *kernel* apresentadas na Figura 06 fazem referências aos resultados do Gráfico 13, sugerindo a relação espacial entre os aspectos da festa que mais incomodavam os entrevistados e a proximidade com seu local de realização.

O local que apresenta maior densidade de proporção com entrevistados que se sentem incomodados com urina nas ruas encontra-se a uma distância aproximada de 300 metros do ponto central de realização dos festejos juninos em Cachoeira. Uma hipótese para esta densidade nesta distância está relacionada ao fato de que no ponto central da festa há pessoas circulando e a presença do Estado com seus mecanismos repressores a esta prática estão mais presentes. Uma vez que se afasta do epicentro da festa surgem as oportunidades para que os praticantes desta ação a executem (Figura 06-A).

O resultado desta análise pode sugerir também evidência para que os organizadores do evento ampliem a oferta de sanitários químicos não somente em quantidade, mas também em abrangência espacial na distribuição destes equipamentos.

A densidade referente à percepção de brigas e violência (Figura 06-B) apresentam *hotspots* distribuídos em toda área em análise, o que sugere que a percepção da violência é difundida em toda população, não estando relacionada diretamente com a proximidade do local de realização do evento.

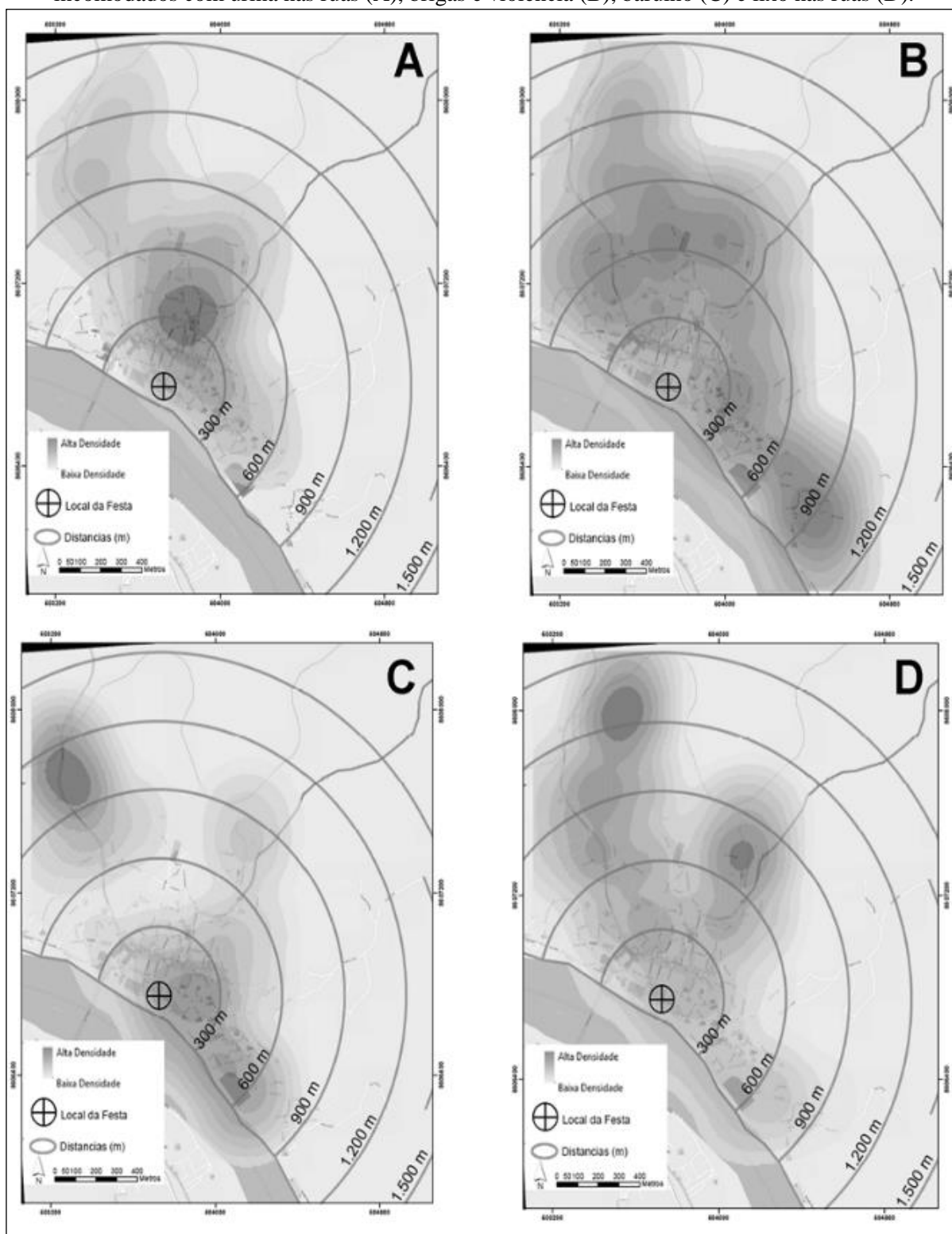
O resultado da densidade relacionada à percepção do barulho (Figura 06-C), demonstram duas zonas de maior densidade, sendo uma localizada na região de realização da festa, sugerindo uma relação espacial com o evento e outra em uma região mais afastada, a aproximadamente 1.200m na direção noroeste da área urbana de Cachoeira. Aparentemente, esta zona quente não apresenta relação direta com o local de realização da festa, o que sugere a necessidade de continuidade neste estudo para ampliar o conhecimento sobre essa temática.

A princípio pode-se sugerir como motivo para este fenômeno questões topográficas, tendo em vista que este segundo ponto com densidade elevada situa-se numa área de maior altitude, facilitando ser atingida pela propagação do som.

A densidade relacionada com a percepção dos entrevistados em relação ao lixo

espalhado nas ruas (Figura 06-D) apresenta maiores densidades nas áreas mais afastadas do local de realização da festa, o que sugere a hipótese de interpretação voltada para a compreensão de que durante a festa os serviços de limpeza urbana ficam concentrados na região central, apresentando deficiências nas regiões mais periféricas.

Figura 06 - Análise de densidade de *Kernel* para a percepção dos entrevistados que se sentem incomodados com urina nas ruas (A), brigas e violência (B), barulho (C) e lixo nas ruas (D).



Fonte: Elaboração própria, 2015.

5 Conclusão

Abordar temas ligados ao processo cultural de uma festa popular é fundamental para contribuir com o desenvolvimento de outras formas de gerir que contemplem aspectos mais ligados ao social e a memória que laços identitários. Acredita-se que compreender o ponto de vista dos moradores locais de Cachoeira diante das transformações percebidas na identidade cultural do São João da Feira do Porto, contribui para tal perspectiva.

A análise espacial com uso de mecanismo de geotecnologia foi um diferencial apresentado como possibilidade de incremento e ilustração em pesquisas das ciências sociais. Com a utilização dessas técnicas pôde-se perceber a influência da localização base do indivíduo em sua opinião sobre o contexto cultural em que vive e como percebe os impactos da Festa de São João.

Percebeu-se que a Feira do Porto de Cachoeira como atrativo turístico da cidade configura-se como uma importante manifestação cultural carregada de tradição, formada por diferentes raízes e influências culturais, reconhecida pelo município e pelo Estado como de grande importância para a cultura e economia local. Além disso, depois da sincrética festa da Boa Morte, é o período do ano em que a cidade tem maior evidência no cenário baiano, o que afeta as dimensões sociais, culturais e econômicas.

De início realizado espontaneamente pela comunidade, é evidente que hoje grande parte da tradição do São João de Cachoeira está comprometida, o que se pode perceber no ponto de vista de alguns moradores. Porém, com o passar do tempo e a chegada de uma nova geração, cada vez menos se sente falta das tradições que deram relevância ao São João da cidade, como os folguedos locais, a feira realizada às vésperas do dia festejado na beira do cais do porto, a autêntica música do Recôncavo com seu Samba de Roda e variações do forró. Prova disso é o dado coletado em campo onde 64% dos entrevistados aceitaria que os grupos locais deixassem de participar do São João.

Se o foco permanecer na promoção de um espetáculo que valoriza cada vez mais atrações de fora em detrimento das manifestações tradicionais, isso não tardará a acontecer, o que selaria completamente a perda da identidade da festa. Esta perda pode ser evitada quando a cultura é transmitida de modo responsável para as novas gerações, possibilitando a sua perpetuação. Aqui não se discutiu saudosismo e sim a necessidade de adequar a Festa a realidade da cidade, levando em consideração sua história e patrimônio.

Hoje, além de uma abordagem mercadológica, segundo a visão de 31% dos entrevistados, a festa também é promovida com interesse político, visando agradar os eleitores com atrações que raramente se apresentariam no município. Ou seja, a festa não é só organizada com o objetivo de ser popular, de gerar desenvolvimento local, interação, conhecimento e lazer, mas também como instrumento associado à política.

A população, mesmo percebendo ao longo do tempo a descaracterização que se estabelecia, mantiveram-se numa aparente inércia diante do ocorrido. Sem contribuir para manutenção dos valores simbólicos, notou-se um sentimento de conformismo e uma adaptação a nova maneira de festejar, o que vem garantindo ao menos um momento de lazer e incremento no comércio local.

A participação da população na gestão municipal da festa atualmente é quase inexistente. Uma administração mais focada na gestão participativa, que envolva a comunidade em eventuais mudanças na expressividade cultural, tem menos chance de cometer deslizes, e isso poderia ser cobrado pela população. A sensação que se tem é que, não havendo uma ativa participação popular nas mudanças ocorridas no São João, a comunidade foi a última a se dar conta do que estava acontecendo, o que talvez justifique esta forma mais

contida de reação. Neste ponto, faz-se necessário uma descentralização das tomadas de decisões pelo poder público local e estímulo a participação popular, com vistas a geração de desenvolvimento local integrado.

No âmbito governamental, indica-se: a realização de audiências públicas visando o aprimoramento dos pontos chave da Festa; a atuação efetiva do Conselho de Cultura, que desenvolve suas ações sem consultar a população; e a elaboração de projetos de viabilidade econômica para a participação de manifestações populares locais.

É latente a necessidade de revisão das diretrizes turísticas do município, em especial do projeto de organização do São João, desde sua programação até os produtos vendidos, incrementando a festa, com algo novo e diferente das outras cidades, que necessariamente não precisa ser novo se houver o resgate de hábitos esquecidos e assim colocar a tradicional Festa de São João da Feira do Porto de Cachoeira, junto com outros atrativos de igual valor, na vitrine da cultura de raiz do Recôncavo.

Referências

ABDALLAH, Paloma; AMORIM, Gabriela; GARCIA, Rodrigo. **Cultura**: um produto economicamente homogeneizado. p. 4. 2014. Disponível em: <<http://rp-bahia.com.br/biblioteca/pdf/PalomaAbdallah.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas**. Faculdade de Educação Física/UNICAMP. Conexões v. 2, n.1, 2004.

BAHIA. Empresa de Turismo da Bahia S.A. (Bahiatursa). **São João**. Revista Viver Bahia, nº 50 JUNHO/80. Salvador: Bahiatursa, junho de 1980.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. **Século XXI – Consolidação do turismo: estratégia turística da Bahia 2003-2020**. – Salvador: A Secretaria, 2005.

BAHIA. Secretaria de Turismo da Bahia. **São João da Bahia**: a maior festa regional do Brasil. Salvador: 2009. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/>>. Acesso em: 11 maio 2014.

BAHIA. Secretaria da Indústria e do Comércio – SIC; Companhia de Desenvolvimento do Recôncavo – CONDER. **Plano de turismo do Recôncavo**. Salvador: Clan S.A., 1971. Não paginado.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Introdução à Estatística Espacial para a Saúde Pública**. Fundação Oswaldo Cruz; SANTOS, Simone M.; SOUZA, Wayner V. (orgs). Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Capacitação e Atualização em Geoprocessamento em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/TEXTOS_CURSO_VIGILANCIA/capacitacao_e_atualizacao_em_geoprocessamento_em_saude_3.pdf>. Acesso em: 20 nov 2014.

BRUNNER, José Joaquim. **Cartografias de la modernidad**. Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1991.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública**: espetacularização das festas

juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **A espetacularização das festas juninas no espaço urbano como estratégia político-administrativa de promoção do turismo cultural no recôncavo baiano.** Salvador: Anais VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – VI ENECULT, 25 a 27 maio 2010 – Facom-UFBA.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Festas Populares Brasileiras: Entrevista/Conversa com Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. in REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. **A Festa em Múltiplas Dimensões.** N. 14, São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural:** recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

FEATHERSTONE, M. Global and local culture. In: Bird, J. et. al. **Mapping the futures:** local cultures, global change. London: Routledge, 1993

FERREIRA, M. L. M. **Patrimônio:** discutindo alguns conceitos. Diálogos, ed. (3), (2006), 79-88.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOOGLE EARTH. **Cachoeira.** Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-12.6021577,-38.965267,1591m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 01 nov 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cachoeira, BA:** conjunto arquitetônico e paisagístico (Cachoeira, BA). Brasília, 1971. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1027>. Acesso em: 13 nov 2013.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Cachoeira celebra 177 anos de emancipação.** Foto de Carlos Augusto. Feira de Santana, 2014. Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2014/03/reconcavo-baiano-cachoeira-celebra-177-anos-de-emancipacao.html>>. Acesso em: 20 fev 2015.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001

KUPER, A. **Culture:** the anthropologist's account. Cambridge: Havard University Press, 1999.

LACAYO PARAJÓN, Francisco José. A new contract between culture and society. In: **INTERNACIONAL CONGRESS CULTURE DEVELOPMENT**, 2., 2001, Havana. Disponível em: <<http://www.unesco.org/documents.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2014

MALDONADO, C.. O turismo comunitário na América Latina: gênese, características, e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de base comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Bauru: EDUSC, 2002. Cap. VI.

MOURA, Antonio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In. FUNARI, Pedro Paulo; PINSKI, Jaime (Orgs). **Turismo e patrimônio cultural.** São Paulo, Contexto, 2001, p.

35-49.

OPENSTREETMAP. **Relação:** Cachoeira (362439). Dados são disponíveis sob a "Open Database Licence, licenciado como CC-BY-SA. Disponível em: <<http://www.openstreetmap.org/relation/362439#map=17/-12.59478/-38.97154>>. Acesso em 04 nov 2014.

QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino; SOUZA, Regina Celeste de Almeida. **Caminhos do Recôncavo:** proposição de novos roteiros históricos - culturais para o recôncavo baiano. Salvador: UNIFACS, 2009.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João:** origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO, Suzana; FERREIRA, Luís. As festas populares urbanas: eventos turísticos especiais. In INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS E DO TURISMO (Ed.). **Percursos & Ideias.** Revista Científica do ISCET. 2ª Série, nº 1. Porto, 2009, p. 153-166. 2009. Disponível em: <http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N_1/Revista2009.pdf>. Acesso em: 27 set. 2013.

SANTOS, Adalberto. **Tradições populares e resistências culturais:** políticas públicas em perspectiva comparada. Salvador: EDUFBA, 2011. 235p.

SILVA, Paulo Henrique Oliveira. **CABULA - PATRIMÔNIO DISFARÇADO DE BAIRRO:** Possibilidades de desenvolvimento territorial através de abordagens participativas do turismo. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Universidade Salvador – UNIFACS. Salvador, 2014.

TENAN, Ilka Paulete Svissero. **Eventos.** São Paulo: Aleph 2002, p. 30.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização.** (Tradução: Ricardo Brinco). Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001, p. 41 e 50.

The interfaces between the African cultural heritage, in Cabula neighborhood, Salvador -BA, and the perspective of its residents

Abstract

The town of Cachoeira, located in the Reconcavo Baiano, exercised great influence in the history of Brazil, not only in political and economic issues, but also about the culture. So that was listed by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN for its architectural and landscape complex and is considered a national monument. Among the various cultural events and city events, the main one is the Sao Joao's Festival of Feira do Porto in Cachoeira, the first Sao Joao's Festival planned in Bahia. The birth of this festival was the investment and the support of the Empresa de Turismo da Bahia - Bahiatursa (government company to promote tourism), in 1972. After the departure of Bahiatursa the organization of the event and the entrance to the municipal government in the late 1980, the festival has undergone changes in its essence, presenting in recent years the authenticity signal loss. Therefore, this article brings reflections on the perception of local residents due to the transformations in the festival and in its cultural expression. For the assignment of these objectives we used the case study and different techniques of research, and spatial analysis through geotechnology as the main vector of research. The results indicated the need

to review the city's guidelines, in particular the Sao Joao project organization from your schedule to products sold to continue representative root crop Reconcavo. Thus, this article contributes to progress in studies related to the Bahia tradition and culture, seeking to understand and improve their contributions to the development of all involved.

Keywords: *Cachoeira-Ba. Sao Joao. Cultural expressiveness. Perception of residents. Spatial analysis.*

Artigo recebido em 28/03/2016. Aceito para publicação em 06/06//2016